

## **A maldição do Cristo genérico**



SÉRIE ✨ TEOLOGIA ESPIRITUAL

## **A maldição do Cristo genérico**

A banalização de Jesus na espiritualidade atual

---

EUGENE H. PETERSON

*Traduzido por*  
Susana Klassen



Editora Mundo Cristão  
São Paulo

## A MALDIÇÃO DO CRISTO GENÉRICO

Categoria: Espiritualidade

Copyright © 2005 por Eugene H. Peterson

Publicado originalmente por William B. Eerdmans Publishing, Grand Rapids, EUA

*Título original:* Christ Plays in Ten Thousand Places

*Editora responsável:* Silvia Justino

*Editor-assistente:* Omar de Souza

*Supervisão de produção:* Lilian Melo

*Colaboração:* Miriam de Assis

*Capa:* Douglas Lucas

*Imagem:* Joan Vicent Roig

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão *Almeida Revista e Atualizada*, 2.ª ed. (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo indicação específica.

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Peterson, Eugene H., 1932-

A maldição do Cristo genérico : A banalização de Jesus na espiritualidade atual/  
Eugene H. Peterson; traduzido por Suzana Klassen. — São Paulo: Mundo Cristão,  
2007.

Título original: Christ Plays in Ten Thousand Places

ISBN 978-85-7325-470-9

1. Espiritualidade 2. Teologia 3. Vida cristã 4. Vida espiritual I. Título.  
II. Série

06-0257

CDD-248

### Índice para catálogo sistemático:

1. Teologia espiritual: Espiritualidade : Cristianismo 248

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/2/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:  
Associação Religiosa Editora Mundo Cristão

Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020

Telefone: (11) 2127-4147 — Home page: [www.mundocristao.com.br](http://www.mundocristao.com.br)

Editora associada a:

- Associação de Editores Cristãos
- Câmara Brasileira do Livro
- Evangelical Christian Publishers Association

A 1ª edição foi publicada em abril de 2007.

Impresso no Brasil

08 07 06 05 04 03 02 01

07 08 09 10 11 12 13

*Para James e Rita Houston*

... Pois Cristo atua em mil lugares,  
Belo em membros, belo em olhos que  
    não são seus  
Para o Pai, nos traços do rosto de homens  
    dissimilares.

GERARD MANLEY HOPKINS



## SUMÁRIO

*Agradecimentos* 9

*Prefácio* 11

*Introdução* 13

1 Limpando o campo 23

2 Cristo atua na criação 65

3 Cristo atua na história 157

4 Cristo atua na comunidade 263

*Epílogo* 383

*Bibliografia* 393





## AGRADECIMENTOS

Três congregações presbiterianas me ofereceram um longo treinamento em teologia espiritual: a Towson Presbyterian, em Maryland; a White Plains Presbyterian, em Nova York, e a Christ Our King Presbyterian, em Maryland. Foi nesses lugares e com as pessoas dessas congregações que esta conversa começou.

Durante anos, várias instituições educacionais me receberam como professor visitante ou adjunto, proporcionando estímulo e reflexões que aprofundaram minha visão e estenderam meu interesse pela teologia espiritual além da minha realidade local. Boa parte do conteúdo deste livro foi testada e desenvolvida enquanto eu lecionava no Seminário St. Mary, em Baltimore, no Seminário Teológico de Pittsburgh e no Regent College de Vancouver, no Canadá.

Os primeiros esboços de várias partes do texto foram publicados nos periódicos *The Christian Century*, *Christianity Today*, *Crux*, *Ex Auditu*, *Journal for Preachers*, *Reformed Review* e *The Rutherford Journal* (este na Escócia). As aulas de Thessien, no Canadian Menonite College, em Winnipeg, Canadá, e as aulas de Selwyn, na catedral de

Litchfield, na Inglaterra, foram de grande importância para a constituição do projeto final deste livro.

Os pastores Michael Crowe e Steven Trotter tiveram uma contribuição relevante nos estágios finais da redação.

A esses e tantos outros amigos e colegas cujos nomes não são citados aqui, minha imensa gratidão pelas conversas e orações ao longo dos anos e pelos diálogos formativos que tomaram corpo neste livro. Muito obrigado.

## PREFÁCIO

Dois campos de atuação convergem nestas páginas: o trabalho de pastor e o de professor. Até o presente, a maior parte de minha vida foi dedicada ao ofício de pastor de igrejas. É proveniente desse âmbito de trabalho quase tudo o que está escrito na forma de uma longa conversa sobre a teologia espiritual, o caráter prático da revelação de Deus entre nós e em nós.

Escrever sobre a vida cristã (chamada aqui de “teologia espiritual”) é como tentar reproduzir num quadro um pássaro voando. A própria natureza do tema, em que tudo está sempre em movimento e cujo contexto sempre muda — o ritmo das asas, as penas coloridas pelo sol, nuvens levadas pelo vento (e muito mais) —, coíbe a precisão. É justamente por isso que a maioria das definições e explicações deixa escapar exatamente o que nos interessa. Histórias, metáforas, poemas, orações e conversas descontraídas são mais apropriados para esse tipo de tema, um diálogo que, necessariamente, inclui o “outro”.

Meu trabalho como professor, porém, foi também formativo. Como professor visitante ou adjunto nos anos em que exerci o

ofício de pastor, tive diversas oportunidades de passar bom tempo com alunos e pastores refletindo sobre a interseção das Escrituras, da teologia, da história e da igreja no trabalho de levar o evangelho a ser vivenciado nas condições reais que defrontamos em nossa cultura.

Nesse tempo, depois de trinta anos de ministério pastoral, passei a lecionar teologia espiritual em tempo integral no Regent College, no Canadá. A sobreposição de campos de atuação — ministério e magistério — promoveu uma troca dinâmica de influências e forneceu a oportunidade e a energia necessárias para que este livro fosse escrito. Posso atribuir o caráter eclético do texto, a mistura de estilos acadêmico e pessoal, à grande variedade de pessoas que participaram de cultos e aulas comigo e com as quais conversei sobre esses assuntos (agricultores e pastores, donas de casa e engenheiros, crianças e idosos, participantes dos cultos e das aulas, pais e acadêmicos).

Procurei escrever sobre a teologia espiritual nos mesmos termos em que ela é vivida, ou seja, usando uma linguagem ora proveniente dos livros, ora das conversas numa lanchonete, que numa página provém de perguntas levantadas numa palestra; em outra, de impressões acumuladas durante um passeio de caiaque num rio. Minha intenção é dar estrutura e coerência à espiritualidade de nosso tempo, amplamente difundida, porém muitas vezes desorientada, trabalhando com base nas Escrituras e com uma concepção trinitária.

Para mim, todas as conversas em congregações e escolas se reuniram de maneira particularmente fortuita na vida e na obra do doutor e da senhora James Houston, do Regent College. Eles personificaram o significado e a importância da teologia espiritual (Jim com suas aulas e conselhos e Rita com sua hospitalidade). Este livro é dedicado a eles com gratidão.

Advento de 2003

## INTRODUÇÃO

Começamos pelo fim. “No meu fim está o meu começo” (T.S. Eliot).<sup>1</sup> Os fins têm precedência sobre os começos. Iniciamos uma viagem decidindo, em primeiro lugar, o destino. Coletamos informações e usamos a imaginação, preparando-nos para aquilo que está por vir: a vida é o fim da vida; vida, vida e mais vida.

O fim de toda crença e obediência cristãs, do testemunho e da instrução, do casamento e da família, do lazer e do trabalho, da pregação e do ministério é viver tudo o que sabemos acerca de Deus: vida, vida e mais vida. Se não sabemos para onde estamos indo, qualquer caminho serve. Mas, se temos destino — neste caso, uma vida dedicada à glória de Deus —, o caminho está definido: é o caminho que Jesus Cristo revelou.

Teologia espiritual é a atenção que damos aos detalhes de viver trilhando esse caminho. É um protesto contra a teologia despersonalizada, transformando-a num conjunto de informações sobre Deus; é um

<sup>1</sup> “East Coker”, em *The Complete Poems and Plays, 1909-1950*, p. 129.

protesto contra uma teologia funcionalizada, convertendo-a num planejamento estratégico para Deus.

Um soneto do poeta e padre jesuíta Gerard Manley Hopkins declara, de forma impressionante e precisa, o fim da vida humana bem vivida:

Como arirambas se incendeiam, libélulas ardem em chama;  
 Lançadas na beira de um poço arredondado  
 As pedrinhas ressoam; feito corda tangida, sino tocado  
 A curva meneando de encontro ao badalo, seu nome proclama;  
 Cada coisa mortal faz uma coisa só e mesma:  
 Revela o ser recôndito por ele habitado;  
 Asimesma — a si mesmo se move; *eu mesmo*, diz e escreve,  
 soletrando,  
*Aquilo que faço sou eu: foi para isso que vim* — eis que clama.

Digo mais: homem justo, de justiça são os atos teus;  
 Guarda a graça: ela guardará como graças tudo o que realizares;  
 Age aos olhos de Deus conforme é aos olhos de Deus —  
 Cristo. Pois Cristo atua em dez mil lugares,  
 Belo em membros, belo em olhos que não são seus  
 Para o Pai, nos traços do rosto de homens dissimilares.<sup>2</sup>

Percebemos que a vida é mais do que as coisas com as quais temos contato neste momento, mas não é diferente nem desligada delas. Temos vislumbres de totalidade e vitalidade que vão além daquilo que podemos gerar com nossos recursos. Vemos indícios da congruência entre quem e o que somos e o mundo ao redor — pedras e árvores, campinas e montanhas, aves e peixes, cães e gatos, arirambas e libélulas —, confirmações vagas e fugazes, porém convincentes, de que estamos todos envolvidos, de que somos relacionados a tudo o que existe, existiu e existirá.

Sentimos no íntimo que fazemos parte de um empreendimento maior do que a soma das partes que podemos identificar olhando ao redor, ou relacionar num levantamento dos detalhes de nosso corpo, de nossas famílias, dos pensamentos e das idéias, das condições do tempo e das

<sup>2</sup> Em GARDNER E MACKENZIE, p. 90.

notícias, do trabalho e das atividades de lazer. Temos essa sensação (que nunca conseguiremos definir exatamente, nem explicar ou esquematizar) de que sempre viveremos um mistério — mas um mistério bom.

Todos que estão vivos neste momento, incluindo você, que está lendo esta página, e eu, a pessoa que está escrevendo, sem nenhuma outra consideração específica além do fato de ter os olhos abertos, de receber o ar nos pulmões, de poder dar testemunho desse Algo Mais, dessa Congruência, dessa Relação, desse Mistério segundo o qual

Cada coisa mortal faz uma coisa só e mesma:  
Revela o ser recôndito por ele habitado...

A palavra mais simples que temos para definir isso é vida. As últimas linhas do poema de Hopkins apresentam a imagem que escolhi como ambiente metafórico para esclarecer os detalhes de tudo o que a vida cristã abrange:

Pois Cristo atua em mil lugares,  
Belo em membros, belo em olhos que não são seus  
Para o Pai, nos traços do rosto de homens dissimilares.

A FORMA COMO HOPKINS se expressa transmite o vigor, a energia e a espontaneidade inerentes à vida como um todo. Esses versos manifestam a convicção nítida de que Cristo, aquele que revela Deus, está por trás de tudo e faz parte de tudo nesta vida. A mensagem é de que tudo nesta vida de arirambas e libélulas radiantes, de pedrinhas rolando, de cordas de harpa e de sinos ressoantes se desenrola em nós, em nossos membros e olhos, em nossos pés e palavras, no rosto de homens e mulheres que vemos o dia inteiro, todos os dias, no espelho e na calçada, na sala de aula e na cozinha, nos locais de trabalho e nos parques, nos santuários e nas reuniões.

O verbo central “atuar” capta a superabundância e a liberdade que marcam a vida quando vivida além da necessidade, além da mera sobrevivência. Esse verbo também sugere palavras, sons e ações coordenados, como numa dança, expressando outras realidades acerca da beleza, da verdade ou da bondade. Ao falar dos membros, dos olhos, do rosto,

Hopkins incorpora o sentido de dançar com Deus como o “outro” supremo (“... Para o Pai”) — o que corresponde a dizer que a vida, em sua totalidade, é (ou pode ser) adoração.

O soneto de Hopkins é uma das maneiras mais apropriadas de apresentar aquilo que buscamos ao tentar entender a vida, o “fim” da vida: o vigor e a espontaneidade, o Cristo que revela Deus envolvendo a nós e a tudo ao nosso redor, a liberdade lúdica e a superabundância — a dedicação total de nossa vida como “atuação”, uma postura de adoração diante de Deus. A fim de evitar interpretações equivocadas ou limitadas, às vezes acrescentamos o adjetivo “cristã” a essa “vida”. Cabe à comunidade cristã dar testemunho e orientar quanto ao modo de vivê-la numa cultura que a reduz, estrangula e enfraquece implacavelmente.

Assim, escolhi o poema de Hopkins para dar o tom e identificar a natureza de minha proposta ao escrever este livro. Espero representar, de maneira clara e precisa, aquilo que a igreja cristã tem vivido no mundo e para o mundo nos últimos dois mil anos. Meu objetivo não é muito diferente do de Hopkins em seu poema. Poema é um conjunto complexo de sons e ritmos, significados claros e repletos de cores, de justaposições do comum com o inesperado, tudo reunido de maneira a nos envolver como participantes da vida, de mais vida, de vida real.

Essa é minha intenção — não, prioritariamente, explicar alguma coisa ou transmitir informações, mas envolver nossa história (de meus amigos e vizinhos, de minha família e minha igreja, de meus vizinhos e alunos) com a de Cristo. Não tenho nada de novo a dizer; os cristãos conhecem todos os fundamentos pelo simples fato de estarem vivos e serem batizados. Já participamos dessa história, pois, de fato, Cristo atua “em mil lugares”. No entanto, espero aumentar o envolvimento dos que são membros, olhos e rostos por meio dos quais Cristo atua.

ESTE LIVRO É UMA CONVERSA sobre teologia espiritual. Escolhi o termo “conversa” porque denota o vaivém das pessoas, muitas empenhadas na tarefa de considerar, explorar, discutir e desfrutar não apenas o tema em questão, mas também a companhia umas das outras. A expressão “teologia espiritual” é um par de palavras que mantém a coesão daquilo que, com frequência, é “desmembrado”. Representa o esforço da comunidade da igreja para manter o que pensamos a respeito de Deus (teolo-



gia) em ligação orgânica com a maneira como vivemos com Deus (espiritualidade).

O crescimento meteórico do interesse pela espiritualidade nas últimas décadas deve-se, em grande parte, a uma profunda insatisfação com abordagens da vida aridamente racionalistas, constituídas de definições, explicações, esquemas e instruções (de psicólogos, pastores, teólogos ou planejadores), ou impessoalmente funcionais, compostas de *slogans*, objetivos, incentivos e programas (de anunciantes, palestrantes, consultores, líderes de igreja ou evangelistas). Mais cedo ou mais tarde, quase todos descobrimos um desejo profundo de viver de coração o que já sabemos com a mente e fazemos com as mãos.

Mas “a quem recorrer”? As instituições educacionais demonstram interesse apenas secundário em lidar com o desejo — oferecem livros para ler e exames para aprovar, mas, fora isso, não dão muita atenção. Em nosso local de trabalho, descobrimos logo que somos valorizados, principalmente (senão exclusivamente) em razão da utilidade e da lucratividade — somos recompensados quando desempenhamos bem nosso papel; do contrário, somos demitidos.

As instituições religiosas, que em outros tempos eram (e em outras culturas ainda são) os lugares mais óbvios para tratar das questões de Deus e da alma, causam decepção a cada vez mais pessoas. Elas descobrem estar sendo cuidadosamente desenvolvidas como consumidoras num mercado que comercializa Deus como produto; ou se vêem tratadas como alunos aprendendo em ritmo irritantemente vagaroso, sendo preparados para provas finais sobre “a mobília do céu e a temperatura do inferno”.<sup>3</sup>

Por causa dessa pobreza espiritual que nos cerca, da falta de interesse em tratar daquilo que é de suma importância — e está ausente tanto de escolas, empregos e vocações quanto dos lugares de culto —, a “espiritualidade” (usando um termo genérico) saiu das estruturas institucionais e se encontra um tanto dispersa. A espiritualidade está “no ar”. O lado bom é o fato de que os aspectos mais profundos e característicos da vida passaram a ser preocupações correntes; a fome e a sede pelo eterno e duradouro são amplamente reconhecidas e abertamente expressas; a

<sup>3</sup> Reinhold NIEBUHR, *The Nature and Destiny of Man*, p. 294.

recusa das pessoas em ser reduzidas a uma descrição de cargo e a resultados de avaliações é, hoje, realidade clara e definida.

No entanto, a dificuldade encontra-se na constatação de que, de uma forma ou de outra, todos estão convidados a criar a espiritualidade mais adequada a si mesmos. Da miscelânea de testemunhos de celebridades, gurus da mídia, fragmentos de êxtase e fantasias pessoais, inúmeras pessoas, com as melhores intenções do mundo, montam, “por conta própria”, identidades espirituais e modos de vida dotados de inclinação clara para vícios, relacionamentos rompidos, isolamento e violência.

Não há dúvida de que existe o interesse amplamente difundido de viver além dos papéis e das funções atribuídos pela cultura. No entanto, grande parte dessa preocupação resulta numa espiritualidade moldada segundo parâmetros determinados pela mesma cultura. Assim, parece-nos preferível usar o termo “teologia espiritual” para nos referir de modo específico à tentativa dos cristãos de tratar das experiências vividas e reveladas nas Sagradas Escrituras e da riqueza de conhecimentos e práticas de nossos antepassados ao aplicá-las ao mundo contemporâneo, no qual a “fome e sede de justiça” são difusas e indistintas.

Os termos “teologia” e “espiritual” formam um ótimo par. “Teologia” é a atenção que dedicamos a Deus, nossa tentativa de conhecê-lo conforme é revelado nas Sagradas Escrituras e em Jesus Cristo. O adjetivo “espiritual” se refere à insistência de que toda revelação de Deus sobre si mesmo e suas obras pode ser vivida por homens e mulheres comuns em seus lares e locais de trabalho. O “espiritual” impede que a “teologia” se deteriore num simples e distante exercício de pensar, falar e escrever sobre Deus. A “teologia” evita que o “espiritual” se torne apenas a atividade emocional de pensar, falar e escrever sobre sentimentos e idéias individuais de Deus. Uma palavra necessita da outra, pois sabemos como é fácil desassociar o estudo sobre Deus (teologia) da maneira como vivemos; também sabemos como é fácil desvincular nosso desejo de viver com plenitude e satisfação (vida espiritual) daquilo que Deus é, de fato, e das maneiras como ele opera entre nós.

A teologia espiritual é a atenção que dedicamos à teologia prática que vivemos e sobre a qual oramos, pois se não orarmos, mais cedo ou mais tarde ela deixará de ser vivida de dentro para fora e em harmonia com o Senhor da vida. É nossa tentativa de viver aquilo que sabemos e cremos

acerca de Deus. É o desenvolvimento da vida como adoração, ajoelhados perante Deus, o Pai; da vida como sacrifício, usando nossos pés para seguir Deus, o Filho; da vida como amor, envolvendo e sendo envolvidos pela comunidade de Deus, o Espírito.

A teologia espiritual não é uma área a mais para ser listada juntamente com as disciplinas da teologia sistemática, bíblica, prática e histórica; ela representa a convicção de que toda teologia, sem exceção, diz respeito ao Deus vivo, que nos torna criaturas cujo propósito é viver para a sua glória. É o desenvolvimento da consciência e de percepções ao mesmo tempo alertas e responsivas em nosso local de trabalho e de culto; igualmente ativas quando trocamos as fraldas de um bebê no quarto e quando meditamos no meio de um bosque; necessárias tanto ao ler editoriais do jornal quanto ao fazer a exegese de uma frase escrita em hebraico.

Alguns podem querer simplificar tudo, mantendo o espiritual e descartando a teologia. Outros se contentarão em continuar com a teologia habitual e deixar de lado o espiritual. No entanto, a verdade é que vivemos apenas porque Deus vive, e vivemos bem apenas quando o fazemos de modo coerente com a forma como Deus nos cria, salva e abençoa. A espiritualidade começa com a teologia (a revelação e a compreensão acerca de Deus) e é norteadada por ela. E a teologia nunca se encontra inteiramente separada de sua expressão no corpo de homens e mulheres aos quais Deus deu vida, sendo o desejo dele que todos vivam a salvação na plenitude (espiritualidade).

A NOÇÃO DE “TRINDADE” é a formulação teológica que fornece a estrutura mais adequada para manter as conversas sobre a vida cristã coerentes, focadas e pessoais. Desde o início, a comunidade cristã percebeu que tudo a nosso respeito — adorar e aprender, conversar e ouvir, ensinar e pregar, obedecer e decidir, trabalhar e brincar, comer e dormir — se desenrola no “território” da Trindade, ou seja, na presença e no meio das operações de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Se a presença e a operação de Deus não forem entendidas como o que define quem somos e o que estamos fazendo, nada será entendido e vivido corretamente.

Em vários meios, a Trindade sofreu a indignidade de ser tratada como artefato verbal dissecado, esquadrinhado e investigado por octogenários

artríticos que Robert Browning, em sua crítica mordaz, considerou “mortos da cintura para baixo”.<sup>4</sup> Na verdade, trata-se de nosso empreendimento intelectual mais exuberante sobre Deus.<sup>5</sup> A Trindade é a tentativa conceitual de dar coerência a Deus conforme ele é revelado diversamente como Pai, Filho e Espírito Santo nas Escrituras: Deus é intensamente pessoal; é Deus única e exclusivamente em relacionamentos.

A Trindade não é uma tentativa de explicar ou definir Deus por meio de abstrações (ainda que, em parte, seja isso também), mas um testemunho de que Deus se revela pessoal, em relacionamentos pessoais. A consequência prática desse fato é que Deus nos resgatou das especulações dos metafísicos e nos trouxe ousadamente para uma comunidade de homens, mulheres e crianças chamados a ter essa vida comum de amor, uma vida extremamente pessoal, na qual experimentam a si mesmos em termos pessoais de amor, perdão, esperança e desejo.

Descobrimos, sob a imagem da Trindade, que não conhecemos Deus ao defini-lo, mas ao sermos amados por ele e ao correspondermos a esse amor. As consequências são pessoalmente reveladoras: outra pessoa não vem a me conhecer, nem eu a outrem, pela definição, explicação, categorização ou “psicologização”, mas de modo relacional, ao aceitar e amar, dar e receber. Os aspectos pessoais e interpessoais oferecem as imagens centrais (Pai, Filho, Espírito Santo) tanto para conhecermos Deus quanto para sermos conhecidos por ele. Isso é viver, e não pensar sobre viver; é viver com alguém, e não desempenhar funções para alguém.

Assim, estas conversas sobre a teologia espiritual têm como contexto o território mapeado pela Trindade, no qual conhecemos Deus Pai na criação, Deus Filho na história e Deus Espírito na comunidade, nele cremos e a ele servimos.

Ao falarmos da Trindade, não podemos nos limitar a entender corretamente o dogma teológico; o território da Trindade abrange a criação (o mundo em que vivemos), a história (tudo o que acontece à nossa volta) e a comunidade (as maneiras como participamos pessoalmente da vida diária na companhia de outros ao nosso redor). A Trindade não é algo imposto a nós, mas um testemunho da co-inerência de Deus (Pai,

<sup>4</sup> “A Grammarian’s Funeral”, em *The Poems and Plays of Robert Browning*, p. 169.

<sup>5</sup> William BARRET, “The Faith to Will”, em *The American Scholar*, p. 526.

Filho e Espírito Santo) e da co-inerência de nossa vida com a imagem de Deus (onde estamos, o que está acontecendo e quem somos ao falar, agir e nos envolver uns com os outros).

A Trindade mapeia o território em que conhecemos, recebemos e obedecemos a Deus. Ela não é o território em si, é o seu mapa. E, por certo, um mapa extremamente útil, pois Deus é amplo e variado, opera de forma visível e invisível. Se somos deixados por nossa própria conta, muitas vezes acabamos perdidos em becos sem saída, emaranhados em touceiras, sem a mínima idéia de onde estamos. O mapa nos situa: fornece o vocabulário e identifica a experiência pela qual podemos explorar Deus quando não há nenhuma placa apontando para ele, quando não há nenhum rótulo definindo claramente a forma ou o sentimento estranho que está diante dos olhos.

Podemos também dizer a respeito de um mapa que, apesar de ser artefato, algo feito, não é imposto arbitrariamente sobre a região por ele representada. Ao contrário, é resultante da observação minuciosa e do registro preciso da realidade. Os mapas devem ser fiéis. Além disso, são humildes — não aspiram a ser o território. Estudar um mapa não oferece experiência da região que ele retrata. O propósito do mapa é nos mostrar o caminho dentro desse território e evitar que nos percamos na viagem.

TENDO O ESPÍRITO SANTO como fonte de estrutura e contexto, as conversas se desenvolverão sob a metáfora de que “Cristo atua em mil lugares”. Faremos isso primeiramente limpando o campo e, depois, explorando as três dimensões interseccionais: da criação, da história e da comunidade em que vivemos.

### **LIMPANDO O CAMPO**

Vivemos num tempo em que há enorme interesse no que é conhecido popularmente como “espiritualidade”. No que diz respeito a dar orientação sobre como viver a vida, a igreja não tem monopólio nessa área. O campo da espiritualidade está repleto de escombros de regras e tentativas improvisadas de viver esta vida. Assim, procurarei remover esse entulho e determinar uma base comum para o diálogo, definindo algumas histórias, metáforas e termos fundamentais que nos prepararão para entender a vida cristã em termos bíblicos e pessoais.

**CRISTO ATUA NA CRIAÇÃO**

Vivemos num universo extraordinariamente complexo. Temos uma vida conjunta e relacional com milhões de outras formas de vida. Há um bocado de coisas acontecendo e não queremos ficar de fora. Numa era que funcionaliza tudo e todos, e num tempo em que o sagrado, o santo, quer em coisas, quer em pessoas, se encontra num processo contínuo de desgaste, trataremos de como os cristãos recebem, celebram e honram toda a criação como dádiva sagrada cujas origens e cuja expressão plena se encontram no nascimento de Cristo.

**CRISTO ATUA NA HISTÓRIA**

Mas a vida não se resume à dádiva da criação. Também estamos mergulhados numa história em que o pecado e a morte desempenham papel importante: sofrimento e dor, decepção e perda, catástrofe e perversidade. Numa era de conhecimento crescente e proficiência tecnológica impressionante, é fácil pressupor que um pouco mais de conhecimento e tecnologia logo mudará o destino da humanidade para melhor. Mas não foi assim no passado, e não será no futuro. Usando documentos detalhados e irrefutáveis, os historiadores mostram que o século XX foi o mais aniquilador de que se tem registro.<sup>6</sup> Precisamos de ajuda. Trataremos de como os cristãos se envolvem numa história cujo significado final provém da morte de Cristo e da vida de salvação resultante desse sacrifício.

**CRISTO ATUA NA COMUNIDADE**

A vida cristã é vivida com outros e para outros. Nada pode ser feito de modo isolado ou egoísta. Numa era de individualismo crescente, é fácil pressupor que a vida cristã é, antes de tudo, uma responsabilidade exclusivamente minha. Todavia, nem a auto-ajuda nem o egoísmo tem lugar na teologia espiritual. Trataremos de como somos inseridos na comunidade formada pelo Espírito Santo de Cristo e pelas quais nos tornamos participantes integrais de tudo o que o Cristo ressurreto é e faz, vivendo uma vida de ressurreição.

<sup>6</sup> George STEINER, *Grammar of Creation*, p. 323.